

## O macro nas imagens poéticas em *minigrafias* de Luis Araújo Pereira

Alana Benfica Valadão SESI SENAI – Niquelândia  
Maysa Hellena de Souza Nunes SESI SENAI – Niquelândia  
Paula Morgana Godoi Magalhães SESI SENAI – Niquelândia  
Marilizi Faria Garcia SESI SENAI – Niquelândia  
Lorranny Silveira Cruz SESI SENAI – Niquelândia

Orientadora: Waleska Cristina Moreira Morais SESI SENAI – Niquelândia e PUC/GO  
Waleska\_m\_morais@hotmail.com

O encontro do homem com a poesia, que é reveladora e criadora do mundo, acontece no poema, afirma Paz (1982) e não é de estranhar que a métrica, como foi chamada por Aristóteles, a apresentação palavra acompanhada ao som da lira, modificasse tanto, o que fica claro na denominação, hoje, lírica.

O sujeito poético também não é o mesmo, antes ele se orientava exclusivamente pela relação eu-alma, depois com Poe e Baudelaire já se via relação eu-realidade. Atualmente, o eu lírico busca ressignificar as imagens poéticas que, segundo Gilberto Telles (2010), são o centro da criação lírica, o deslizar entre o significado e significante que permite visualizar duas estruturas no texto, a micro e a macro, reforçando a estética visual, como ocorre nas vanguardas e poemas concretos.

Este trabalho procura vivenciar a lírica em si ao buscar a interação com os textos poéticos contidos em *minigrafias* do escritor Luis Araújo Pereira, para tanto foram escolhidos três poemas como *corpus*: “o livro como fresta, certo livro e deserto”. Estes foram analisados a partir dos planos de expressão, retórico e de conteúdo, com ênfase nas imagens poéticas suscitadas no *corpus*. Como base teórica deste estudo tem-se Paz (1982), Cara (1998), Jakobson (1989) e outros.

O primeiro poema a ser analisado, o livro como fresta, é, também, o primeiro do livro *minigrafias*. Nele o sujeito lírico sugere o que é iniciar uma leitura, como é visto no título o primeiro passo ou a primeira leitura podem oferecer o mínimo, a fresta, contudo se mergulharmos nas entrelinhas do texto perceberemos as inúmeras metáforas e imagens poéticas, como “rio que escorre letras e metáforas que rompem diques” (p.19), este é poder da lírica que ultrapassa as páginas de um livro. Percebe-se também neste poema a necessidade do eu poético em preencher as lacunas de seu mundo, como assinala Silva (1975), pois o todo que se evidencia no poema consiste na tentativa de amenizar ou eliminar o vazio da sociedade contemporânea “além, nos telescópios / tudo o que a vista desalcança / - os minimundos vazios- / diante de uma veneziana entreaberta” (p.19).

Esta “veneziana entreaberta” é o próprio texto, a obra que permite o indivíduo conhecer esses minimundos que são vazios porque até então não foram apreciados pelos leitores, há aqui um convite para se realizar significativamente o ato de ler.

O poema “deserto”, no plano do conteúdo faz alusão a falta de políticos que efetivem suas promessas eleitorais e este grupo, políticos, através da metáfora são aproximados pela figura do lagarto que são ágeis e se reproduzem em larga escala, assim como esses humanos aos adentrarem os espaços públicos, são rápidos nos desvios e nas atitudes contrárias as punições e difundem essa imagem grotesca do tipo político “os sacanas/-entram ano/sai ano-/fazem festa/o dia inteiro/sob o sol/quente”(p.21). Os versos acima reforçam o mau caráter dos político-sacanas que usam o dinheiro da sociedade, obtido pelo trabalho árduo (sol quente).

Como foi mencionado, o livro *minigrafias* é iniciado com um convite a ler as entrelinhas e como se o livro fosse um ciclo, o último poema, “certo livro”, faz crítica a escritores que mesmo considerados inteligentes não fazem realmente literatura “certos livros/nem com muita/enchente/rompem comportas” (p.143). Este texto, assim como o primeiro é metalingüístico, visto que reflete acerca do engendrar da própria obra, além disso percebe-se a intertextualidade com João Cabral de Melo Neto no poema “O postigo”:

O que acontece é que escrever  
é ofício dos menos tranquilos  
se pode aprender a escrever  
mas não a escrever certo livro.

Após a análise do *corpus* deste trabalho é possível reafirmar o quão rica é a palavra literária por causar estranhamento e identificação, ao mesmo passo ou ora ou outra, em suas imagens poéticas. Imagens que não são gratuitas, estão ligadas com o todo do texto e no caso dos poemas escolhidos, ligam-se com o todo do livro.

Palavras-chave: Lírica, imagem poética, eu poético.

### **Referências bibliográficas**

- CARA, S. de A. *A poesia lírica*. São Paulo: Ática, 1998.  
PAZ, O. *O arco e a lira*. Trad. Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.  
SILVA, A. V. da; BASÍLIO, J. C; DANTAS, J. M. de S. *Desconstrução/construção no texto lírico*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1975.  
TELLES, G. *Conferência: introdução à teoria do texto poético*. Rio de Janeiro, 10 de janeiro de 2010.